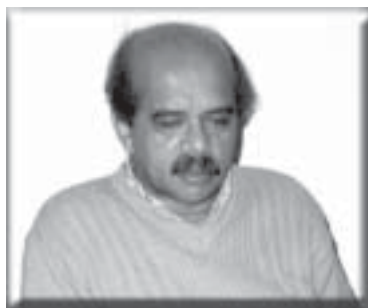


## ARTIGO

### *DIVULGAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA*

PROF. DR. MILTON MEIRA DO NASCIMENTO  
DOCENTE DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
EDITOR RESPONSÁVEL PELA HUMANITAS



Nos últimos anos, o que deveria ser uma consequência necessária, natural, das atividades de pesquisa, isto é, sua divulgação, transformou-se numa exigência, ou numa indicação de que, quando isso não ocorre, e os resultados da pesquisa não ultrapassam o círculo restrito da universidade, é sinal de fracasso dessa instituição.

Por isso mesmo, as atividades de extensão ganharam muita força, pois a discussão sobre a necessidade da relação entre a sociedade e a universidade se faz cada vez mais

urgente, sobretudo para justificar os altos recursos que os governos investem nas instituições de pesquisa e que precisavam de uma justificativa plausível.

Que a universidade possui um papel importante na sociedade, o de constituir-se como o lugar por excelência da pesquisa de ponta desinteressada, o que, por si só, justifica os altos investimentos, até mesmo para o desenvolvimento autônomo do potencial produtivo dessa sociedade, nem sempre é evidente. Sobretudo quando a sociedade passa a exigir dessa instituição que mostre o que está fazendo, que atenda às suas exigências imediatas e que os pesquisadores deixem a “vagabundagem” para fazerem coisas úteis. Enfim, que os docentes digam a que vieram, que produzam artigos em profusão para justificarem os salários que recebem. O pior disso tudo é que muitos dirigentes das universidades fazem coro a essa “demanda” e não se cansam de afirmar que os cursos precisam atender às expectativas dos estudantes e que essa tem sido uma das causas da evasão dos cursos universitários.

Ledo engano e equívoco homérico. Com isso, perde-se o que sempre foi o aspecto mais importante das universidades, o de ser o pólo da reflexão crítica, do inconformismo, da pesquisa lenta e, às vezes, quase invisível e que precisa de muita tranquilidade para dar resultados satisfatórios. É essa a contribuição maior que a universidade dá à sociedade. Os resultados da pesquisa nem sempre aparecem ou nem devem aparecer de imediato, porque, em muitos casos seria pura leviandade a divulgação do que ainda não está suficientemente maduro. Mas eles virão naturalmente, se os pesquisadores tiverem sossego e condições para o desenvolvimento de suas atividades, sem pressão.

É aqui que entra o papel das chamadas “atividades de extensão”, que nunca entendi

#### ARTIGO

*DIVULGAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA*, 1  
PROF. DR. MILTON MEIRA DO NASCIMENTO

#### EDITORIAL, 2

#### ENTREVISTAS

*A COMUNICAÇÃO NA USP*, 3  
PROF. DR. ADILSON AVANSI DE ABREU

*A GRANDE MÍDIA*, 4  
PROF. DR. CLOVIS DE BARROS FILHO

#### ESPAÇO MEMÓRIA

*BRAUDEL E O PROJETO MEMÓRIA DO CAPH*, 5  
PROFA. DRA. LEILA LEITE HERNANDEZ

*ENTREVISTA*, 7  
PROF. DR. JOÃO BAPTISTA BOSRGE PEREIRA  
SEÇÃO DE FOTOS, 11

#### DIA A DIA

*A FFLCH E SUA COMUNICAÇÃO*, 12

#### ESPAÇO DISCENTE

*A COMUNICAÇÃO DOS CENTROS ACADÊMICOS*, 12

#### EVENTOS

*FFLCH DA INÍCIO AS COMEMORAÇÕES DOS 70 ANOS*, 13

*CETRAD E CITRAT, UMA LONGA HISTÓRIA...*, 13

*CETRAD – CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TRADUÇÃO*, 13  
PROFA. DRA. STELLA ESTHER ORTWEILER TAGNIN

*TRADUÇÃO*, 17  
PROF. DR. FRANCIS HENRIK AUBERT

#### NOTÍCIAS, 15

#### HUMANITAS, 20

## EDITORIAL DIVULGAR É PRECISO

O Informe deste mês tem como tema a divulgação e a comunicação na FFLCH e na USP, como um todo. Sem dúvida, essa é uma pauta importante depois que foram discutidos nos meses anteriores o ensino e a pesquisa, o que demonstra claramente uma linha de ação ao longo desse ano, com destaque para questões entendidas como fundamentais na vida acadêmica. A FFLCH como local de produção do saber e circulação de novas idéias é realmente privilegiada, pois reúne um corpo docente extremamente capacitado que gera pesquisas de ponta na área das Ciências Humanas. Salas de aula, conferências, palestras e eventos integram esse movimento intelectual e dão a dinâmica de forma interativa entre professores, alunos e o público em geral. Por outro lado, apenas considerando o aspecto quantitativo dessa produção, ela surpreende pelo número de publicações de livros, revistas, coletâneas e mesmo de textos avulsos contidos nas inúmeras séries que circulam nos centros de pesquisa. Soma-se a isso, um conjunto quase incontável de publicações de docentes e discentes que circulam em inúmeras outras atividades no Brasil e no exterior.

No entanto, ainda anualmente enfrentamos o desafio de contabilizar essa produção até nos momentos de organizarmos os nossos relatórios dentro da universidade e para as agências de fomento, o que gera a necessidade de repensarmos maneiras mais eficazes de arrolamento desse potencial. E é nesse ponto, portanto, que se entrecruza a produção do conhecimento como objetivo primordial dentro da universidade e a sua divulgação, aqui entendida não apenas como pauta de circulação de novas idéias, mas também como forma de articular políticas de melhorias para a própria unidade.

Vista nessa perspectiva, permite ainda subsidiar projetos de infraestrutura que revertam ao incremento da pesquisa e da própria qualidade do ensino. Como se pode perceber ensino, pesquisa infra-estrutura e divulgação são os elementos-chave para que uma unidade defina a sua identidade e objetivos bem como a sua atuação nas políticas em curso na universidade e também junto às agências de fomento.

E é nesse sentido que eu vejo a importância das matérias e entrevistas desse número pois colocam em debate uma questão que articula formas possíveis de gestão universitária, que permitam à nossa Faculdade, ocupar o espaço que merece no cenário nacional e internacional sem abdicar, entretanto, do posicionamento crítico que é uma das nossas mais fortes tradições.

Eni de Mesquita Samara  
Editora

muito bem por que fazem parte do tripé “pesquisa, docência, e extensão”, redundância desnecessária. A extensão nada mais é do que a divulgação da produção intelectual da universidade. A sociedade precisa saber, com toda razão, do que se passava intramuros.

O que nos estatutos da universidade vem caracterizado como “extensão” só de maneira equivocada assume o caráter de uma atividade fundamental da universidade, figurando ao lado da pesquisa e da docência, em condições de igualdade.

A universidade precisa divulgar o que faz, sem dúvida alguma, porém, de maneira a não atropelar a tranquilidade dos docentes, pesquisadores e funcionários de apoio. E essa divulgação precisa ser rápida, eficiente, sem os entraves da burocracia. O que é muito diferente da exigência da produtividade a qualquer preço, da produção desenfreada de artigos, só para justificar os recursos que a instituição e os pesquisadores recebem, só para dar a entender que a universidade está dessa maneira prestando contas à sociedade. Divulgar a pesquisa acadêmica de maneira eficiente não significa, de forma alguma, dar à atividade de extensão uma característica mais importante ou igual à de pesquisa e docência, mas oferecer aos pesquisadores e docentes todas as condições para mostrar os resultados do seu trabalho, no tempo oportuno, não só para seus pares, mas também para o público externo, o que, neste caso, deverá ser feito de maneira clara, numa linguagem acessível, de modo a poder despertar entre os leigos, o interesse pelo que se faz de melhor nessas instituições. Atividade que o pesquisador já desenvolve também na docência, em contato direto com os estudantes. Neste caso, muitas vezes, ao invés de atender às expectativas, o professor desconcerta num primeiro momento, para abrir os olhos do estudante ingênuo que só vê o mundo pelo senso comum.

Da mesma forma que o pesquisador interage com os estudantes quando lhes mostra o processo e os resultados de sua pesquisa, da mesma forma ele pode e deve fazê-lo para o público externo.

Quando definimos a universidade como uma instituição de pesquisa, a docência e a divulgação constituem-se como atividades necessárias de extensão.

## EXPEDIENTE

### UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

#### REITOR:

Prof. Dr. Adolpho José Melfi

#### VICE-REITOR:

Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

#### DIRETOR:

Prof. Dr. Sedi Hirano

#### VICE-DIRETORA:

Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara

COMITÊ EDITORIAL DO INFORME: Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara (DH), Prof. Dr. Gabriel Cohn (DCP), Prof. Dr. Pablo Ruben Mariconda (DF), Profa. Dra. Maria Aparecida de Aquino (DH), Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão (DL), Sra. Eliana Bento da S. A. Barros (SDI) - Membro Assessor. COORDENAÇÃO: Eliana Bento da Silva Amatzuzi Barros – MTb 35814. PROJETO GRÁFICO: Dorli Hiroko Yamaoka – MTb 35815, Erbert A. Silva – MTb 35870. DIAGRAMAÇÃO: Dorli Hiroko Yamaoka. REVISÃO: Rosângela Nardelli. COLABORADORES: Daniel Cantinelli Sevilano, Rodolfo Vianna, Stella Wilderom, Vanessa Vieira Mariano. SERVIÇO DE ARTES GRÁFICAS: João Fernando Querido Salvado. MONTAGEM: Charles de Oliveira, Marcelo Domingues. IMPRESSÃO: Gráfica – FFLCH/USP. TIRAGEM: 1500 exemplares.



## ENTREVISTA

### *A COMUNICAÇÃO NA USP*

PROF. DR. ADILSON AVANSI DE ABREU  
PRÓ-REITOR DE CULTURA E EXTENSÃO  
POR RODOLFO VIANNA



**Professor, sabe-se que a comunicação assume cada vez mais um papel estratégico, seja no plano político, no empresarial como também no pessoal. Como o senhor avalia a importância da comunicação, como um todo, nos dias atuais?**

A comunicação é fundamental. Ela deve atender nos órgãos públicos aos princípios constitucionais da publicidade e impessoalidade, informando e gerando processos educacionais. A comunicação evoluiu muito nas últimas décadas e a mídia hoje passou a ter nas imagens sua principal forma de atuação, o que tem levado a transformação de muitos fatos e conteúdos em espetáculos, que freqüentemente em nada ou muito pouco contribuem para a informação e desenvolvimento do raciocínio crítico, servindo as vezes para manipular a realidade e desinformar o cidadão, que se transforma em massa.

**E a comunicação é essencial para uma Universidade, tanto para seu diálogo interno como também externo, com a própria sociedade, não?**

Em todas as grandes organizações a comunicação é estratégica e isto é particularmente válido para a Universidade. A USP possui uma estrutura complexa, dispersa por muitos "campi" e deve ter um processo de comunicação eficiente, para informar, de maneira qualificada, toda sua comunidade interna. Por outro lado mais relevante ainda é a comunicação com a comunidade externa, pois a relação com a sociedade é fundamental para ela atingir seus objetivos. Assim a USP não só tem que ter visibilidade e transparência para a população que a mantém com seus impostos, como deve fazer chegar a ela as informações referentes aos trabalhos que ela desenvolve no campo da pesquisa, do ensino e da extensão. E mais ainda, a correta informação sobre a extensão em todas as suas vertentes é fundamental para ampliar o papel educativo da Universidade, atingindo o objetivo de desenvolver a cidadania e aprofundar os laços com a sociedade organizada, quer no

campo do ensino e da pesquisa, bem como no da transferência de conhecimentos e tecnologia.

**Como é a estrutura comunicacional da USP?**

A estrutura comunicacional da USP é complexa. Há uma Coordenadoria de Comunicação Social, que se ocupa de maneira sistemática com este objetivo através de um conjunto de mídias especializadas. Além disso há um grande número de iniciativas independentes ligadas aos Órgãos da Universidade que procuram comunicar conteúdos setoriais para o público interno e externo.

**O Professor acredita numa boa divulgação das atividades da USP dentro da própria Universidade, tanto para professores, como para funcionários e estudantes? E externamente?**

Neste contexto julgo que a divulgação das atividades da USP seja boa, embora padeça dessa sistemática institucional apoiada em diversos núcleos que geram a informação, o que pode dar a impressão algumas vezes de um painel desarticulado, ou de sobreposições e mesmo lacunas.

**Professor, dentro da USP, qual é o melhor meio de comunicação: o jornal, o bom e velho mural ou ainda é o "boca-a-boca"?**

É difícil avaliar qual o melhor meio de comunicação, pois isto depende do objetivo. Hoje o público interno e externo é muito segmentado por faixas etárias, formação profissional, campos de interesse e outros mais. Assim provavelmente as mídias devem ter seus públicos específicos. O "site" da USP é um dos mais visitados, entre as universidades, em nível mundial. O "Jornal da USP" por outro lado, talvez seja ainda o veículo que atinja melhor o conjunto de todos os segmentos, além de pautar muitas vezes os órgãos de comunicação externos, papel que a Agência USP de notícias também faz muito bem. Todavia há que se reconhecer que certos assuntos muito específicos de ambientes restritos, talvez possam ainda ser veiculados através do velho sistema de mural. Quanto ao "boca-a-boca", todos sabem que em alguns momentos e para determinados assuntos a melhor fonte de informação é a "rádio peão".

# A GRANDE MÍDIA

PROF. DR. CLÓVIS DE BARROS FILHO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES – ECA  
POR RODOLFO VIANNA

**Professor, há teorias sobre comunicação que dizem que há uma recepção passiva por parte do público da mensagem transmitida e outras que acreditam numa interação entre ambos, transmissor e receptor, num jogo de duas vias. Pela primeira, os meios de comunicação deteriam um poder quase absoluto; já pela segunda, as coisas não seriam bem assim. De qual opinião, claro que foram simplificadas, compartilha?**

Estou convencido de que, analisando as relações da mídia com a sociedade, podem ser constatados efeitos importantes decorrentes desse encontro. Da mídia sobre a sociedade e vice-versa. Os meios, não é difícil demonstrar, tem enorme influência na definição de uma agenda pública. Assim, as pautas jornalísticas e ficcionais acabam, em grande medida, definindo os temas mais presentes nas discussões sociais. A presença de um tema na mídia representa condição para conhecimento e conseqüente opinião por parte de um determinado universo social.

Assim, mais do que simplesmente definir temas para discussão, os produtos da mídia já os apresentam sob uma certa perspectiva que influenciará profundamente o entendimento social daquele assunto.

Esses efeitos sociais não implicam, no entanto, numa passividade por parte deste ou daquele receptor individualmente considerado. Cada ouvinte, telespectador ou leitor se exporá às mensagens da mídia e atribuir-lhes-á sentido seletivamente em função de disposições que são suas. As pesquisas em psicologia da mídia (e de sua recepção) são esclarecedoras nesse sentido.

Da mesma forma, traços culturais comuns - por parte de agentes pertencentes a um mesmo grupo social - permitem recepções estudáveis coletivamente sem que haja aí nenhum sinal de passividade. Para isso apontam os estudos culturais.

**Onde reside o poder da mídia?**

Fundamentalmente na dependência de seu público em relação às suas mensagens. As exigências cognitivas, avaliativas e afetivas do mundo contemporâneo são muito mais extensas do que podem nos proporcionar nossos flagrantes imediatos do mundo. Tornamo-nos progressivamente dependentes de mediações que os meios de comunicação

tem satisfeito com pouca concorrência. Assim, os recortes valorados da realidade – formatados em distintos tipos de produto – tornam-se referência para a compreensão compartilhada do real e para integração no mundo social.

**Há o fator de construção pela mídia do imaginário dos indivíduos, podendo refletir na sua prática?**

Questão pouco clara. Todo entendimento da realidade, objetivado em representações cuja construção é mais ou menos influenciada pelos meios, produz efeitos sobre nossas ações. Os meios de comunicação apresentam – de forma mais ou menos intencional – critérios de atribuição de valor moral definidores da nossa prática. Merecer ou não uma Kaiser é definir uma conduta positiva ou negativamente, da mesma forma que estar mais ou menos próximo de Agostinho ou Lineu no cotidiano de nossa Grande Família.

**A grande mídia é o espelho do real ou do irreal? Ela provoca distorções na apreensão da realidade?**

A produção da mídia não pode, em hipótese alguma, ser reificada, isto é, considerada homogênea e uniforme. No entanto, nenhuma de suas formas de apresentação poderá ser um simples espelho da realidade. Produtos da mídia, são produtos subjetivos veiculados por meios institucionalmente definidos. Assim, toda a mensagem veiculada pelos meios de comunicação deve ser compreendida à luz das condições materiais da sua produção que são de natureza social, econômica, psicológica etc.

**A grande imprensa detém alta credibilidade?**

Uma coisa é perguntar: Você acredita no que diz o jornalista? É possível que muitos digam que não. Revela capacidade de recuo crítico e desconfiança. Os trouxas são sempre os outros. Efeito da terceira pessoa.

Outra é verificar que as pessoas continuam assistindo os telediários da Globo para poderem continuar sabendo um arroz com feijão que lhes permita interagir.

**O senhor poderia explicar brevemente o que é a “espiral do silêncio”?**

O medo do isolamento opinativo faz com que indivíduos que atribuam valor ao real de forma discrepante da maioria

tenham receio de sustentar em público suas opiniões e tendam ao silêncio. Esse silêncio faz a opinião não manifesta ainda mais dominada. Esse medo decorre dos encontros presumivelmente tristes que a defesa pública de uma opinião dominada impingirá ao porta-voz. O silêncio protege a potência reduzindo o desconforto.

**Ela pode se dar de forma inversa, na transformação por constrangimento de uma idéia/opinião minoritária em majoritária?**

De acordo com sua autora, Elisabeth Noelle Neumann, é preciso para tanto que os meios de comunicação veiculem esta opinião ainda dominada - de forma mais ou menos homogênea - como legítima.

**O jornalismo é uma ferramenta de transformação social?**

Tenderia a sustentar que o campo jornalístico, enquanto espaço social de produção de um certo relato, obedece a regras relativamente autônomas e, portanto, tende a edificar critérios que, em parte refratam a relação de forças sociais que lhe são externas e, em parte, revela a relação de forças internas ao próprio campo de profissionais. Sem ser um aparelho - simples instrumento de dominação de classe - posto que se estrutura em torno de troféus propriamente jornalísticos, o campo jornalístico também não é uma ilha infensa a múltiplos interesses de agentes pertencentes a outros espaços sociais.

Assim, à perspectiva de instância de difusão de uma ideologia dominante - reprodutora de uma relação de forças já existentes - deve-se acrescentar uma outra, subversiva,

onde agentes do próprio campo jornalístico tem interesse em noticiar diferente, atingir outros fins, prestar outros serviços como estratégia de reestruturação desse campo e redistribuição do capital propriamente jornalístico - como o prestígio do repórter - dentro dele.

**Sabemos que os grandes meios de comunicação são empresas e, como tais, buscam o lucro. Onde fica, então, a liberdade jornalística?**

Na relativa autonomia que tem o profissional da informação em relação aos interesses econômicos de sua empresa. Alguns denunciarão ingenuidade na observação acima. Mas, longe estamos do mecanicismo do reflexo em que toda superestrutura deve ser necessariamente determinada por algum tipo de instância infraestrutural.

**Como o senhor classifica a ética jornalística? É a mesma do marceneiro, como dizia Cláudio Abramo, por acreditar que Ética só existe uma?**

Sim. A singularidade está nos procedimentos e na envergadura dos seus efeitos. Nunca nos fundamentos que definem a importância da sua discussão nem nos critérios morais a partir dos quais define-se o justo do injusto, o certo do errado, o digno do indigno.

**Por fim, o senhor poderia analisar, breve e simplificada, a grande mídia brasileira?**

Não. Toda reificação é condenável. A grande mídia brasileira é suficientemente heterogênea para não se deixar analisar como tal em nenhuma perspectiva.

## ESPAÇO MEMÓRIA



### *BRAUDEL E O PROJETO MEMÓRIA DO CAPH*

PROFA. DRA. LEILA LEITE HERNANDEZ

DIRETORA DO CAPH

E PROFESSORA DE HISTÓRIA DA ÁFRICA DO DH - FFLCH/USP

A lei nº 6283, de 25 de janeiro de 1934, criou a Universidade de São Paulo, fazendo-se realidade a proposta de Júlio de Mesquita Filho compartilhada pelo interventor de São Paulo, Armando de Salles Oliveira. Seu principal objetivo era oferecer uma formação intelectual "moderna e eficiente", que completasse a recebida pelos jovens nos "bancos ginasiais", tornando-os capazes de influir para o

desenvolvimento econômico e no próprio "processo de consolidação democrática" em nosso país. Para tanto, logo foram convidados intelectuais brasileiros de renome, como Fernando de Azevedo e Antonio de Almeida Prado, além de jovens professores franceses como o sociólogo Paul-Arbusse Bastide, o antropólogo Lévi-Strauss, o geógrafo Pierre Monbeig e os historiadores Emille Coomaert, Jean



FERNAND BRAUDEL

Gagé e Fernand Braudel.

Exatamente para reconstruir a trajetória da FFLCH, no ano de 1982, foi criado o Projeto Memória, desenvolvido pelo Centro de Pesquisa em História Sérgio Buarque de Holanda, o CAPH, com os objetivos de reunir, organizar e divulgar a documentação pública e particular dos mais importantes pesquisadores e docentes da faculdade.

Nesta perspectiva, é preciso ressaltar a relevância da contribuição das “missões

francesas” como parte viva da então Faculdade de Filosofia da USP, a começar por Braudel que marcou gerações de historiadores (e também de cientistas sociais), levando para a sala de aula pesquisas e metodologias que estavam sendo discutidas na Europa. Por sua vez, comentava as obras brasileiras, além de “ler tudo o que se referia ao Brasil” publicado lá fora. Aliás, ele próprio observou, em diferentes ocasiões, a importância do nosso país para a sua “transformação intelectual”.

Não pode deixar de sublinhar-se, portanto, alguns dados sobre Fernand Paul Braudel, como forma de convidar a comunidade acadêmica a conhecer a sua trajetória intelectual em maior profundidade, utilizando o acervo do Projeto Memória, do CAPH. Fernand Paul Braudel, nascido em Lumé Ville-em-Ornais, no ano de 1902, licenciou-se em letras em 1921 e tornou-se “agregé” em história, em 1923. Lecionou na Argélia de 1923 a 1932 e também em três dos mais importantes liceus franceses, o Pasteur (1930), o Condorcet (1933) e Henry IV (1934). Destacou-se também como membro do Comitê de Redação da revista *Annales d’Histoire Economique et Sociale*, cujo primeiro número foi publicado em 1929. Desde então delinea-se a sua contribuição teórico-metodológica na elaboração de uma “geohistória”.

Em sua primeira visita ao Brasil, no início de 1935, tinha 33 anos, aqui permanecendo até fins de 1937. Neste período auxiliou a montagem do curso de história desta faculdade, além de escrever vários artigos para o jornal *O Estado de São Paulo*. No ano de 1962 integrou um grupo de pesquisadores que fundou a *Maison des Sciences de l’Homme*. Faleceu em 1985.

Aqui no Brasil, nos anos 30, foi o grande colaborador do professor Eurípedes Simões de Paula na elaboração do programa da disciplina História das Civilizações, mais tarde História Moderna e Contemporânea, tendo como eixo

a tradição greco-romana e seus desdobramentos posteriores na Revolução Francesa, na crise das nacionalidades e nos grandes impérios coloniais do século XVI. No programa oferecido destacava-se o expansionismo europeu e a apresentação das Áfricas Ocidental (ainda que reduzida à Libéria) e Setentrional, focalizada como parte do mundo Mediterrâneo.

Nestes anos já se fizeram presentes suas preocupações teórico-metodológicas que mais tarde, entre os anos 1949 – 1961, ganharam maior nitidez, tornando possível a elaboração de uma teoria no âmbito de um quadro explicativo constituído de um conjunto de elementos e fenômenos históricos registrados desde um “trabalho empírico concreto”. Esta proposição básica já se faz presente em *O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*, *Civilização material, economia e capitalismo* e *A identidade da França*, todos representativos das correntes intelectuais europeias que tinham como objetivo básico a formação de um “pensamento crítico” o que abrangia da Escola de Frankfurt até o Grupo Gramsciano de Ordine Nuovo, o que inclui o Grupo da revista dos “*Anales*”.

Braudel tornou-se um clássico ao explicitar a idéia de “tempo empírico concreto” materializado na diferença entre o tempo físico que é “a medida geral das durações” e a pluralidade dos “tempos sociais correspondentes” e os diversos fenômenos históricos estudados. No pós II Guerra, de forma mais sistemática entre os anos de 1961 e 1975, a “longa duração” acabou tornando-se o eixo central de uma das principais correntes historiográficas, tendo como marco o livro *Civilização material, Economia e capitalismo*, cuja elaboração demandou de Braudel um exaustivo trabalho intelectual de quase três décadas, de 1950 a 1979.

Seus principais livros, clássicos, de leitura obrigatória para formação do historiador e altamente recomendáveis para os cientistas sociais são: *Civilização material e capitalismo*. Lisboa: Cosmos, 1970; *O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*. São Paulo: São Paulo: Martins Fontes, 1983, 2 v; *A dinâmica do capitalismo*. Lisboa: Teorema, 1985; *Os jogos das trocas*. Lisboa: Edições Cosmos, 1985; *O mediterrâneo: o espaço e a história*. Lisboa: Teorema, 1987; *Reflexões sobre a história*. São Paulo: Martins Fontes, 1982; *Escrito sobre a história*. (2 ed.) São Paulo: Perspectiva, 1982; e *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV – XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, c1995, 1996, 1997, 1998, 3v.

# QUEM É JOÃO BAPTISTA BORGES PEREIRA

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

Formado em Ciências Sociais pela antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, tornou-se professor do antigo Departamento de Ciências Sociais, e depois do Departamento de Antropologia. Defendeu seu mestrado na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Seu doutorado teve como tema "comunicação e relações raciais no Brasil", e sua livre docência foi sobre a imigração italiana no pós-guerra. Foi Diretor da Faculdade de Filo-

sofia Letras e Ciências Humanas em dois períodos, entre 1985 e 1989, e entre 1994 e 1998. Antes, foi Vice-Diretor entre os anos de 1982 e 1984, durante a gestão do professor Ruy Coelho.

Recebeu o título de Professor Emérito da FFLCH em 2001, e atualmente é Presidente da Comissão Permanente de Políticas Públicas para a População Negra da Universidade de São Paulo.

## ENTREVISTA COM O JOÃO BAPTISTA BORGES PEREIRA

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO



**Daniel Cantinelli Sevillano:** Professor, gostaria que o senhor me falasse um pouco da sua formação universitária.

João Baptista Borges Pereira: Sou professor primário pelo Instituto de Educação Leônidas do Amaral Vieira, de Sta. Cruz do Rio Pardo, cidade onde nas-

ci e fui criado. Na USP, bacharelei-me e licenci-me em Ciências Sociais. Sob a orientação do Prof. Oracy Nogueira, fiz mestrado na pós-graduação da Escola de Sociologia e Política de São Paulo (divisão de sociologia e antropologia), onde também obtiveram seus títulos de mestre os Profs. Sérgio Buarque de Hollanda, Gioconda Mussolini, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, Carmem Junqueira, José Pastore, Manoel Tosta Berlink, entre outros. Minha tese de mestrado, hoje livro editado, reeditado e esgotado (Pioneira) foi sobre a democratização do Ensino Médio na periferia de São Paulo. Doutorei-me na USP, sob orientação do Prof. Dr. Egon Schaden, então catedrático da cadeira de Antropologia, com tema sobre comunicação e relações raciais no Brasil, reeditado em forma de livro, em 2000, pela EDUSP. Consegui a livre-docência com tese sobre imigração italiana no pós-guerra, também reeditado em livro pela EDUSP, em 2002. Depois da livre-docência fiz concursos para professor adjunto e professor titular de antropologia na USP.

**DCS: Como era o ambiente da FFCL quando o senhor era estudante?**

JBBP: A FFLCH ou FFCL cultivava, talvez mais extensamente

do que hoje, a diversidade de áreas de conhecimento, pois incluía, além das humanidades, as ciências biológicas e exatas. Porém, a despeito da diversidade, não apresentava as proporções que hoje a FFLCH exhibe, pois o vestibular de cada curso selecionava entre 10 e 15 estudantes. O grupo de ingressantes do qual fiz parte era formado por 11 alunos. Isso tornava a vida universitária menos formalizada e burocratizada do que hoje. A relação aluno-professor era mais estreita. O clima intelectual era espécie de aventura do dia-a-dia, quando o aluno ia fazendo suas descobertas, encontrando seus caminhos, não de forma tão regulamentada como atualmente. Havia, mais do que hoje, espaço para se ousar mais, para se acertar mais, para se errar mais.

**DCS: O senhor participava de algum movimento estudantil e político na época?**

JBBP: Claro, como todos da minha geração. Nós, alunos do 2º ano de Ciências Sociais – Perseu Abramo, Gabriel Bolaffi, Francisco Weffort, Roberto Schwarz e eu – fundamos o CEUPES, que passou pelos vendavais do governo militar e está de pé até hoje. Os alunos de Ciências Sociais elegeram-me o 1º presidente do CEUPES.

**DCS: Professor, eu gostaria de saber como foi a sua primeira eleição para Diretor. O senhor era candidato do Diretor anterior, era um candidato a parte?**

JBBP: Eu era Vice-Diretor do Prof. Ruy Coelho, o Prof. Ruy Coelho pediu licença-prêmio durante quase seis meses e eu assumi a Diretoria durante sua vacância. Nesse tempo Vice-Diretor não tinha pró-labore, não ganhava nenhuma gratificação. Era um cargo, ou função puramente circuns-

tancial: só quando o Diretor se ausentava, ele assumia; o Vice não tinha nem sala. Eu sou dessa fase. Quando o Ruy saiu, eu assumi a Diretoria por uns 6 meses, e antes de reassumir, ele se aposentou. E como, na maioria das vezes, o Vice-Diretor é candidato natural ao cargo de Diretor, eu me candidatei. Naquele tempo havia a lista sêxtupla, e não tríplice como é hoje. Você deve saber que a lista sêxtupla foi inventada pelo governo militar para que ele tivesse um elenco maior de nomes para escolha dos Diretores e Reitores na época, de acordo com sua especificidade ideológica. Uma lista sêxtupla dava uma margem maior de escolha.

Na Congregação, durante a eleição do Prof. Ruy, eu havia sido o mais votado, mas o Reitor preferiu o Prof. Ruy, com toda razão, já que o Prof. Ruy era muito mais experiente que eu. Ele era o “homem do momento”, que tinha todas as qualidades para enfrentar aquele instante difícil de transição entre o regime militar e o regime democrático, que estava se inaugurando. Ele era um homem muito respeitado intelectualmente, muito respeitado como pessoa humana. Não era um homem hábil na política, mas uma pessoa com quem conseguíamos nos entender. Por isso, considero que foi uma escolha muito feliz do Reitor.

Em seguida, houve a eleição para Vice-Diretor, e eu novamente fiquei em primeiro lugar. E o Reitor, que na época era o Prof. Antonio Hélio Guerra Vieira, telefonou-me, dizendo que gostaria de convidar-me para ser Vice-Diretor do Prof. Ruy, mas que o próprio Prof. Ruy tinha vetado o meu nome. Eu achei aquilo surpreendente, porque eu havia sido aluno dele, éramos grandes amigos, e na minha opinião não havia motivo nenhum para ele fazer aquilo. O Prof. Ruy, então, telefonou-me, dizendo que havia vetado meu nome para Vice-Diretor. Eu respondi que já estava sabendo, que ele tinha suas razões e eu devia respeitá-las. O Prof. Ruy me explicou que nós éramos do mesmo departamento e, mais que isso, tínhamos os dois a mesma formação intelectual de antropólogos, e seria ruim dirigir uma faculdade tão plural como a nossa sendo os dois da mesma área de conhecimento. Horas depois, ele tornou a me telefonar para dizer-me que o Prof. Guerra tinha ligado para ele e o havia convencido de que aquilo não tinha tanta importância, porque o Prof. Erwin Rosenthal, Diretor antes do Prof. Ruy, e o seu Vice, o Prof. Paulo Vizioli, eram do mesmo departamento. Com isso, eu me tornei o Vice-Diretor e fiquei muito contente por trabalhar com o Prof. Ruy.

Quando terminou o mandato do Prof. Ruy, fui um dos candidatos à sucessão, e outro candidato foi o Prof. Carlos Guilherme Mota, mas ele publicamente abriu mão da sua candidatura e me prestigiou publicamente em Assembléia no Departamento de História. Então, em 1985 assumi a Diretoria.

#### **DCS: O senhor se lembra de algum fato marcante em sua primeira gestão?**

JBBP: Quando você trabalha com uma Diretoria como a da Faculdade de Filosofia, não são fatos isolados que são marcantes, mas sim o dia-a-dia, o corpo a corpo. Mas de qualquer maneira, uma das coisas que eu consegui fazer como Diretor foi, primeiro, aparelhar toda a gráfica da Faculdade, todo o serviço de infra-estrutura foi reaparelhado na minha gestão; a gráfica foi importante para imprimir as nossas publicações. Nós tínhamos nossas revistas, e eu dei condições para sua impressão. Na minha gestão eu também desmembrei departamentos. O último que se desmembrou foi o da teoria literária, iniciado, mas não concluído na minha gestão. Isso foi importante porque o DLO era uma espécie de saco de gatos, com os cursos de japonês, chinês, russo, lingüística e teoria literária, tudo misturado, e com o apoio dos órgãos colegiados consegui separar isso em departamentos. Criei também o setor de informática, que se consolidou na minha segunda gestão.

Mesmo em condições pouco favoráveis, na minha segunda gestão, completei e complementei o organograma da Faculdade, que estava parado na Reitoria havia três anos. Com o organograma foi possível reestruturar todos os Serviços já existentes na Faculdade, além de criar novos, que se mostraram, ao longo dos anos, extremamente úteis: o Serviço de Divulgação e Informação – SDI, o Serviço de Patrimônio. Também tive a oportunidade de reestruturar, ou melhor, estruturar a Comissão de Pesquisa, que se encontrava sem espaço, sem condições de trabalho, praticamente desativada. Eu trabalhei com uma Congregação extremamente experiente, a “velha guarda” dos professores ainda estava na ativa, grandes nomes da Faculdade como os Profs. Ab’Saber, Isaac Nicolau Sallum, Ari França. Eram docentes que vinham da Maria Antonia, um pessoal, que tinha uma consciência muito forte da vida e da história da Faculdade. Então a Congregação era um colegiado de sustentação para o Diretor, o que foi muito bom. Eu sempre recebi muito apoio desses professores mais velhos, mesmo sendo de uma geração mais nova que a deles. Isso não se repetiu quando eu fui novamente Diretor, pois era uma Congregação inexperiente, composta de pessoas muito sérias mas que não tinham a mesma experiência daquela Congregação.

#### **DCS: Em que parte de seu mandato o senhor se defrontou com o problema de uma nova separação da Faculdade?**

JBBP: Quando eu sai da Diretoria, fui eleito presidente da Comissão de Pós-Graduação da Faculdade, e, em seguida, tornei-me Diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia,



pois todo o acervo da Antropologia estava no MAE. Nesse ínterim, começou essa briga em torno da divisão da Faculdade de Filosofia. Eu tenho quase certeza que a minha segunda eleição teve a finalidade de chegar a uma definição sobre esse assunto, porque a luta em torno da divisão da Faculdade havia atingido um grau de luta muito forte e de muita paralisação da própria Faculdade. Já não se discutiam conceitos, problemas; a discussão estava mais para o lado pessoal. E eu tenho a impressão de que esse foi o motivo da minha eleição, porque eu tinha uma certa experiência acadêmica, tinha amigos de todos os lados. A minha proposta foi essa mesma, eu queria a minha Faculdade unida, para ela não perder as suas características. O que dá à Filosofia sua identidade é exatamente a sua pluralidade, que para os de fora dá a impressão de ser algo caótico. Mas nós de dentro sabemos que esse é um ambiente muito enriquecedor, com uma pluralidade de conhecimento e um convívio acadêmico e pessoal entre estudiosos de ciências sociais, história, letras. Isso é muito bom, é muito fértil.

Minha convicção é de que nós não podíamos perder isso. Eu detectei também nessa divisão uma preocupação muito política de alguns grupos, que acreditavam, honestamente, que se colheriam mais vantagens que desvantagens com a divisão.

**DCS: Entrevistando o Prof. João Alexandre Barbosa ele disse que quando ele foi eleito alguns professores começaram a acusá-lo. Ele me disse que numa Congregação ele chamou esses professores de golpistas, que eles queriam dividir a Faculdade para que cada um tivesse a sua faculdade para dirigir.**

JBBP: Pode ser que o Prof. João Alexandre tenha essa interpretação dos fatos. Se bem que a experiência dele na Diretoria é muito pequena, porque ele ficou apenas alguns meses como Diretor.

Eu me opus a isso, mas sem desrespeitar a opinião dos demais. Eu perdi metade do meu mandato administrando isso, no plano dos departamentos, no plano dos colegiados e no plano do Conselho Universitário. Mas depois de tudo isso conseguimos, na minha segunda gestão, unificar a Faculdade.

Eu queria dizer que quando assumi a Diretoria pela primeira vez, nós não tínhamos nenhum computador. Nós imaginávamos que computação era somente para exatas e biológicas. Eu convenci meus colegas e consegui criar aquele centro de informática que existe até hoje, no espaço que antigamente era ocupado por um posto do Banespa. Eu tive que desalojar o banco porque os funcionários ficavam "namorando" os seus extratos bancários, permaneciam lá embaixo muito tempo. Nesse ínterim, houve um assalto ao posto ban-

cário, em que morreu um rapaz, que não era da Faculdade e uma funcionária que trabalhava no Protocolo levou um tiro no braço. Com isso, mandei fechar aquele posto do Banespa, e usei o espaço para criar primeiro o Centro de Informática e depois a *Humanitas*, na minha segunda gestão.

Na época, o Prof. José Goldemberg era o Reitor da USP. Era uma pessoa extremamente aberta para essa questão da Informática, e me auxiliou poderosamente para instalar computadores na Faculdade.

**DCS: Como foi sua sucessão após sua primeira gestão? Já se sentia uma divisão de forças na Faculdade?**

JBBP: Não, ainda não. Eu acho que a divisão de forças começou com a eleição do Prof. João Alexandre, porque, na minha avaliação, ele quebrou o padrão de sucessão na Filosofia. Ele era apoiado por um grupo que lutava pelas eleições diretas, e concordou em ser candidato. É um homem de muito prestígio intelectual, mas que não estava ligado política e ideologicamente ao grupo que o elegeu. O outro grupo sentiu o problema com a candidatura do Prof. João Alexandre. Acho que foi aí que começou todo o problema.

**DCS: O senhor acha que foi um problema entre os Departamentos de Letras e o resto da Faculdade?**

JBBP: Acho que não. O problema de Letras é o seguinte: usa-se muito esse pretexto para justificar uma divisão, e isso não é segredo para ninguém. Dos problemas que estouram nos Colegiados da Faculdade, 98% vêm dos departamentos de Letras. Letras tem uma certa dificuldade, que eu não consigo entender muito bem, de não conseguir resolver seus problemas dentro dos departamentos, e passa isso para os Colegiados. Dentre os atuais 11 departamentos, o que menos faz isso é o de Filosofia: eles conseguem resolver tudo entre eles, nada vai para os Colegiados. E Letras não consegue fazer isso: a gente ficava horas e horas discutindo na Congregação, no CTA, problemas só das Letras. Em vez de tentar entender o que estava acontecendo nas Letras, os divisionistas consideraram que era possível tomar a Faculdade mais racionalizada, organizada, sem os Departamentos de Letras. Mas eu considero que foi mais um pretexto do que qualquer outra coisa. Mas esse pretexto continua pelos corredores da Faculdade, e volta e meia aparece em algum lugar.

Uma coisa interessante é que Letras nunca quis se separar da Faculdade; os demais é que queriam se separar de Letras.

**DCS: O professor João Paulo Monteiro, seu Vice, foi candidato a Diretor?**

JBBP: O Prof. João Paulo foi sim.

**DCS: E o senhor o apoiou ou se manteve à parte?**

JBBP: Eu me mantive à parte. Não atrapalhei nem me envolvi na campanha eleitoral.

**DCS: Como foi a eleição para seu segundo mandato? Conversando com o professor Francis, ele me disse que o senhor era o terceiro colocado na lista triplíce enviada ao Prof. Fava, Reitor na época.**

JBBP: Na verdade, fui o segundo candidato empatado. O Prof. Ulpiano Bezerra de Menezes, no DH, era candidato a Diretor, e o candidato a vice era o Prof. Benjamin Abdala, do DLCV. Eles formavam uma chapa, e essa chapa foi apresentada para a eleição direta. Na data da reunião do Conselho Eleitoral, composto por 80 pessoas mais ou menos, ninguém queria ir, porque quem era contra a candidatura do Prof. Ulpiano, reconhecidamente uma pessoa de alto nível intelectual, achava que as cartas estavam todas marcadas. Eu não havia me candidatado, porque pela legislação da USP eu não sou obrigado a me candidatar antes da abertura do processo eleitoral. No dia da eleição, recebi um telefonema para chegar meia hora antes do início do processo. Vim, e quando cheguei encontrei uma sala cheia com professores de todos os departamentos da Faculdade. Eles me pediram para que eu me candidatasse. Respondi-lhes que não podia, pois tinha um compromisso moral com o Prof. Fava ao assumir a Direção do MAE. O Prof. Fava me havia dito, na ocasião, que gostaria que eu ficasse na Direção do Museu, mas não queria que eu ficasse lá transitoriamente. Perguntei-lhe, o que ele queria dizer com transitoriamente, e respondeu-me que com a eleição para a Filosofia eu seria forte candidato. Respondi-lhe, então, que não tinha interesse em ser Diretor da Faculdade novamente. Mas não aceitei ser o Diretor do MAE, naquele momento. Pedi um mês para pensar no assunto.

Aí aconteceu o impensável: o Prof. José Sebastião Witter, do DH, que havia sido Diretor do Museu Paulista, muito meu amigo, estava com seu mandato como Diretor do IEB terminando. Ao ir para uma reunião do Conselho do Instituto, o Prof. Witter me disse que queria se candidatar, e pediu para eu entrar na lista triplíce. Eu disse que tudo bem, desde que fosse apenas para figurar, mas o que aconteceu é que eu fiquei em primeiro da lista, numa situação insustentável, pois o Prof. Witter queria o cargo, e eu não. Se alguém na Reitoria não tivesse interesse no Prof. Witter, usaria isso para não escolhê-lo para Diretor.

Então decidi assumir o MAE para que o Prof. Witter pudesse assumir a Direção do IEB. Witter não sabe disso até hoje. Na ocasião, comentei somente com o Prof. Jorge

Nagle, meu amigo e colega. Foi, então, que assumi esse compromisso com o Prof. Fava. Quando cheguei à Filosofia e encontrei aquele grupo de professores pedindo para eu ser candidato, ao argumentar que tinha um compromisso com o Reitor, eles me mostraram um bilhete do Prof. Fava em que este dizia que eu estava liberado daquele compromisso. Com isso, fiquei sem argumentos e apresentei-me na hora como candidato. Foi uma eleição extremamente medíocre, pois para mim eleição medíocre é aquela em que você precisa de três escrutínios para escolher o Diretor, enquanto uma eleição boa é aquela em que você emplaca no primeiro escrutínio. Nenhum candidato conseguia maioria dos votos, porque não havia eleitores; então os professores começaram a chegar quando souberam da minha candidatura, e a cada votação eu ia subindo, até alcançar a votação do Prof. Ulpiano, porque surpreendentemente o Prof. Benjamin, que era candidato a Vice, ficou em primeiro lugar, e isso criou uma situação difícil, porque se o Reitor o escolhesse como ele ira explicar isso se ele era candidato a Vice? Ficou um impasse. Recebi um apelo dos colegas, que votaram e não votaram em mim, para que, se fosse escolhido pelo Reitor, aceitasse o cargo a fim de evitar um racha dentro da Faculdade. O Prof. Fava me escolheu e eu aceitei.

**DCS: E como foi a reação dos alunos?**

JBBP: Um pequeno grupo de alunos resolveu fazer um manifesto no dia da minha posse no Conselho Universitário. Como eu tomei posse junto com o Diretor da FEA, não havia muito espaço para isso, mas prometi a eles que lhes daria a palavra na primeira Congregação que houvesse. Eles aceitaram. Na primeira Congregação que presidi, dei a palavra aos alunos. Eles falaram que não me queriam como Diretor, queriam o primeiro da lista; disseram que eu não havia participado da eleição direta. Eu respondi que não participei dessa consulta porque além de estar fazendo palestras em Portugal e Espanha durante o período de inscrição dos candidatos, não tinha interesse em disputar um segundo mandato. Depois que eles falaram sobre tudo isso, eu disse que como uma consequência lógica do que eles haviam falado, deveriam pedir à Congregação que não referendasse minha eleição e, se ela não a referendasse, que fosse escolhido outro Diretor. Eles ficaram um pouco com o pé atrás, mas concordaram. Então, coloquei a questão como primeiro item da ordem do dia. Perguntei quem não concordava com o meu nome, só o aluno levantou a mão, mais ninguém, então passei para o segundo item da ordem do dia. E o assunto acabou ali.

**DCS: Quando o senhor assumiu o senhor sentiu que a idéia da divisão tinha voltado?**

JBBP: Não, porque esse assunto não tinha morrido. Na época ele estava no auge.

**DCS: Eu pensei que quando a Congregação votou pela união da Faculdade, em 1990, o assunto tinha sido encerrado.**

JBBP: Não, porque o assunto ainda rondava a Faculdade, rondava os corredores da Faculdade. A disputa nos corredores foi criando uma série de inimizades entre os professores, e eu achei aquilo tudo muito desagradável.

Apoiado pela Congregação, dei um prazo para que cada grupo trabalhasse sua proposta e a apresentasse para a Congregação, e depois para o Conselho Universitário, que não aprovou a separação da Faculdade. Essa luta entre os

dois grupos, consumiu quase metade do meu mandato. Mas acho que valeu a pena: a Faculdade continua inteira, consegui a construção da Biblioteca central, uma das coisas mais importantes que realizei como Diretor. Ela foi inaugurada pelo Prof. Francis, mas foi nos meus mandatos que eu obtive as verbas para a sua construção.

**DCS: A Biblioteca tem um papel agregador na Faculdade.**

JBBP: É verdade, você percebeu bem. No fundo, e eu não confidenciava isso aos meus colegas, mas sempre achei que a Biblioteca seria o símbolo da unidade.

**DCS: Essa questão do espaço é importante aqui dentro, pela conotação política que ele tem.**

JBBP: O espaço tem papel político, ele agrega ou separa as pessoas, as idéias. Uma Biblioteca central da Filosofia era uma das minhas estratégias para manter a Faculdade unida.

## SEÇÃO DE FOTOS



Foto publicada no Informe nº 5 setembro/outubro

Prof. Dr. Dino Preti  
Departamento de Letras  
Clássicas e Vernáculas

### Participe da seção de fotos:

Mande uma carta para o SDI (prédio da administração – sala 121) ou e-mail (di@usp.br) dizendo quem são as pessoas da foto.



## DIA A DIA

### *A FFLCH E SUA COMUNICAÇÃO*

POR RODOLFO VIANNA

A Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH, é uma das principais produtoras de conhecimento na área de humanidades do Brasil, e, sendo assim, não poderia deixar de ter um bom sistema de comunicação interno que fosse o suporte necessário para todas as suas atividades.

Cabe destacar, então, o seu Serviço de Divulgação e Informação, SDI. Criado em 1997, quando o professor emérito João Baptista Borges Pereira era o Diretor da Faculdade, o SDI atende hoje a diversas demandas: divulga os muitos eventos que ocorrem na FFLCH, confeccionando cartazes, convites e outros materiais; atende à mídia externa através de seu serviço de assessoria de imprensa; publica o jornal Informe destinado à circulação interna da Faculdade; mantém a página "Sala de Imprensa" dentro do portal da FFLCH na internet, além de outras atividades, como informa a sua coordenadora, Eliana Bento da Silva Amatuzzi Barros.

A FFLCH conta também com uma gráfica. Criada quando houve a transferência da Faculdade da rua Maria Antonia para a Cidade Universitária, no final da década de 60, teve

como um dos seus principais empreendedores o Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula. Atualmente, a sua produção varia entre publicações, tendo como principal parceiro a editora *Humanitas*, como também os materiais de divulgação (cartazes, *folders*, convites, etc). Por ano, passam por suas máquinas uma média de 500 mil folhas de papel, na medida de 66 x 96cm, resultando em 150 a 160 publicações e diversos materiais de divulgação, como conta João Fernando Querido Salvado, Chefe de Serviço de Artes Gráficas.

Por fim, e como rede de sustentação, está a Seção Técnica de Informática, STI. Mesmo sem contar com um sistema de *intranet*, que possibilitaria a transmissão virtual de ofícios e outros documentos burocráticos, como conta Maurício Nunes, assistente de direção do STI, o uso dos computadores veio para otimizar todo o funcionamento da Faculdade, resultando numa maior agilidade e eficiência. Seja pela facilidade do correio eletrônico, pelos bancos de dados informatizados, uso da internet (inclusive mantendo o portal *on-line* da Faculdade, criado conjuntamente com o SDI) e outras novas disponibilidades que a tecnologia vem a oferecer.

## ESPAÇO DISCENTE

### *A COMUNICAÇÃO DOS CENTROS ACADÊMICOS*

POR RODOLFO VIANNA

Mural, panfleto, "craft" e jornal. São esses os principais meios de comunicação que estão a disposição dos Centros Acadêmicos. Mesmo na era da informática, são essas as formas que mais dialogam com os estudantes, transmitindo informações e calendários de atividades.

O bom e velho mural é o espaço com maior potencial, pois permite a colocação de uma grande quantidade de informação por um preço bastante baixo, praticamente só o custo da cópia a ser afixada. Já o "craft", que é a faixa de papel pintada com guache e colocada em locais de grande visibilidade, é o que mais chama a atenção. Mas seu problema é a incapacidade de conter muita informação, restringindo seu uso para divulgar atividades como debates, reuniões, atos, etc.

Os panfletos também possuem uma grande abrangência, mas já necessitam de uma quantidade maior de verba, devido ao grande número de cópias, como também de pessoas que os distribuam; pois há uma grande diferença entre entregá-los para as pessoas e deixá-los sobre uma mesa simplesmente.

Por fim, os jornais são aqueles que, se bem feitos, podem trazer os melhores resultados como fonte de informação e também de mobilização. Os cuidados passam pela própria confecção de textos, seus tamanhos, até a diagramação, ilustrações, tipo e formato do papel (que favoreça o ato da leitura) etc. Seus grandes problemas, porém, são dois: o trabalho que consome para ser feito e

também o custo para sua impressão. Por isso não é raro ver que os periódicos de Centros Acadêmicos ou de grupos de alunos não se tornam tão "periódicos" assim.

Com a autorização do Diretor da Faculdade, os jornais podem ser impressos na gráfica da FFLCH. Para isso, deve ser encaminhado um ofício à diretoria com o pedido que será avaliado.

Mas nenhum desses meios de comunicação atinge sua finalidade se não houver a atenção do estudante. Estar sempre atento ao que está pregado nos murais, pegar os jornais disponíveis assim como os panfletos é a forma de inteirar-se do que ocorre na Universidade fora da sala de aula, atividades essas que também são parte fundamental da vida acadêmica e da construção de um pensamento crítico.

## EVENTOS

### *FFLCH DÁ INÍCIO AS COMEMORAÇÕES DOS 70 ANOS*



Para comemorar os 70 anos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, a unidade inaugurou uma mini exposição de fotos no saguão do prédio da Administração. A exposição traz fotos dos primórdios da história da Faculdade. Podendo ser visitada até o dia 15 de dezembro. Posteriormente, a exposição será expandida e exibida em vários locais de São Paulo. O endereço da unidade é R. do Lago, 717, Cidade Universitária, São Paulo.

### *CETRAD E CITRAT, UMA LONGA HISTÓRIA...*

No mês de novembro, o Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* de Tradução (CETRAD) e o Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia (CITRAT) fazem aniversário. Enquanto o centro completa sua primeira década, o curso de tradução completa 25 anos de atividade.

Assim, o Informe traz duas entrevistas. A primeira, com a professora Stella E. O. Tagnin, ex-coordenadora do CETRAD, e, a segunda, com o professor Francis H. Aubert, vice-diretor do CITRAT.

#### **CETRAD– “Curso de Especialização em Tradução” Prof. Dra. Stella Esther Ortweiler Tagnin Por Rodolfo Vianna**

**Professora, qual é o primeiro passo para se iniciar uma tradução?**

Ler o texto. Mas ler para interpretar, ler para compreender o texto. Assim, é preciso aprender a ler, para apreender o sentido para então poder traduzir. Na maioria das vezes, a

unidade de tradução não é a palavra, como muitos pensam. Tem gente que chega dizendo: "você fala inglês, não fala? Então traduz isso aqui para mim?", como se traduzir fosse nada. E não é bem assim, você precisa saber o tipo do texto, o que é, o que se pretende, qual é a função dessa



tradução, o público a que se destina, etc. Assim, acho que a primeira abordagem é entender o texto e a segunda é saber como essa tradução vai funcionar, ou seja, saber seu objetivo, sua finalidade.

### **Então a tradução não é uma mera técnica?**

Não, absolutamente. O tradutor precisa ter um "desconfiômetro", que é uma coisa que se desenvolve com o tempo. Há uma abordagem muito ingênua. Às vezes a pessoa faz uma tradução "palavra por palavra", cujo resultado não faz sentido, e nem sequer percebe isso. Tem aluno que faz uma tradução para português e eu pergunto: "você entendeu isso aqui?", e ele responde "não". "E como é que você me escreve um negócio desses?". Ele não pára para pensar, para analisar que o texto tem que fazer sentido. Existe aquele medo de mostrar "ah eu não entendi", mas tem que entender, tem que ir buscar, tem que pesquisar, cada texto é um texto, cada texto tem sua peculiaridade, seu vocabulário específico. Existe uma série de técnicas que você aprende, sim, mas além disso deve haver uma postura de tradutor.

### **Professora, para a tradução é mais importante o domínio da língua estrangeira ou da língua pátria?**

O domínio das duas é importante, mas como aquilo que vai se tornar visível é o texto traduzido em língua portuguesa, no nosso caso, é muito importante que o tradutor domine a nossa língua. E esse é um problema que a gente encontra muito porque o português dos nossos alunos não é tão bom assim. E quando digo alunos, não são só os do curso de tradução. Mesmo boa parte dos nossos pós-graduandos têm dificuldade na redação, no português, no escrever. E isso eu te garanto que ocorre em todas as Faculdades. Mesmo na nossa que é de Letras, onde deveria ocorrer menos, e talvez até ocorra menos, mas ainda é muito para nós. Na tradução, o tradutor não precisa criar um texto do zero, mas sim precisa criar um texto em língua portuguesa. Precisa conhecer bem a língua portuguesa, para fazer um texto que a gente chama de "fluente e natural".

### **E como funciona o CETRAD?**

Ele funciona como um curso de especialização em tradução de longa duração, vinculado à Pós-graduação, é uma pós-graduação lato sensu. São dois anos, com uma carga

de 720 horas distribuídas em dez disciplinas. Em dois semestres são oferecidas duas disciplinas, nos outros dois, três. Para o inglês e o francês, as aulas são à tarde; para o alemão, à noite. Das dez disciplinas, duas são básicas e gerais (comuns a todas as línguas): Teoria da Tradução e Terminologia. Existe ainda outra, Produção e Reprodução de Texto, na qual se trabalha justamente o português. Até o semestre passado era parcialmente oferecida pela área de português aqui do curso de Letras e parcialmente por cada língua. No entanto, agora não será mais ministrada pela área de português, devido ao grande número de alunos em suas disciplinas de graduação e à falta de professores. Assim, nós teremos que arcar com a disciplina toda. Inteiramente. Aí temos quatro disciplinas de prática mesmo: Tradução Jornalística, Tradução Técnico-científica, Tradução Jurídica e Tradução Literária, duas de análise contrastiva e uma optativa, cujo tema varia.

### **Isso significa que há uma diferença de abordagem para cada uma dessas áreas?**

Sim. Cada uma delas tem as suas especificidades. Um texto jornalístico tem uma série de coisas que precisam ser alteradas, há o problema de espaço disponível no jornal, e outras coisas que devem ser levadas em consideração. Um artigo que é publicado sobre o Brasil, fora do país, e que será traduzido aqui vai ter uma série de coisas que para o brasileiro são óbvias, mas que para o estrangeiro não eram, por isso são explicadas em textos estrangeiros, mas não precisam ser traduzidas. Por isso que eu digo que é importante saber a função do texto, pois num texto científico isso não ocorre. Os textos jurídicos são super específicos, você tem que conhecer a legislação dos dois países e procurar as equivalências - é muito difícil porque os sistemas são diferentes, etc. No literário eu diria que você tem "maior liberdade", entre aspas, porque é "sim e não" ao mesmo tempo. É mais criativo, mas você tem que entender muito mais, tem sutilezas da língua que você precisa conhecer muito bem para não cair naquela abordagem ingênua, naquela leitura de superfície, ler tudo "literalmente" e não perceber que aquilo é um trocadilho, não perceber que é uma metáfora, que está sendo usada uma palavra num registro diferente porque está caracterizando aquele personagem. Isso obriga o tradutor a procurar alguma coisa equivalente na sua língua. As vezes você muda uma palavra coloquial por outra mais erudita e isso faz muita diferença na tradução literária.

### **E quando o curso foi criado?**

Ele foi criado em 1978, como uma modalidade da graduação. No terceiro ano o aluno podia acrescentar essa modalidade - por isso ela é oferecida à tarde - e fazia mais essas disciplinas. Mas isso só durou dois anos, pois passou a ser um curso de extensão e, desde então, sofreu diversas remodelações, chegou a ter 1440 horas (era fechado, como um curso normal, e tinha inclusive estágio). Em 1995 foi reestruturado da forma que é hoje, como pós-graduação lato sensu.

#### **E como se dá o ingresso dos interessados?**

A pessoa tem que ser formada, ter uma graduação em qualquer área. Daí ela se inscreve, faz uma prova escrita, que consta de traduções de pequenos trechos em que a gente busca avaliar muito mais a postura, o posicionamento de um candidato frente ao texto, ver qual é a estratégia que ele usa, se ele tenta resolver, tenta fazer sentido, etc, e obviamente o conhecimento do português. Os aprovados passam então por uma entrevista, quando a gente discute um pouco a prova, pergunta como é que chegou a tal solução, pergunta os interesses, por que quer fazer o curso, enfim, como é um curso gratuito, a gente tenta privilegiar as pessoas que possam realmente aproveitá-lo.

#### **Sempre foi gratuito?**

Absolutamente gratuito, desde a sua criação. O interessado paga somente a inscrição. Isso há 25 anos.

#### **Professora, e a senhora acredita que há necessariamente uma perda na tradução do original para outra língua? Uma perda de intensidade, de uma carga semântica?**

Eu acho muito difícil generalizar. Sem dúvida você vai ter uma perda porque você não tem as mesmas palavras, o mesmo jogo. Por outro lado, você pode conseguir outros jogos em outros lugares. Assim, você perdeu aqui, mas de repente você pode fazer um trocadilho ali que não está no original mas que, no cômputo geral, você pesa e vê: "bom o original teve dez trocadilhos e eu consegui também dez trocadilhos". Então, o sabor do texto você conseguiu recuperar.

#### **E uma tradução pode distorcer completamente um texto?**

Pode. Pode ser voluntariamente, involuntariamente, as vezes por ignorância, não é? Eu fiz uma vez um estudo sobre um conto do Philip Roth, em que o tradutor distorceu completamente o personagem. Ele traduziu certas coisas de uma forma que ridicularizou o personagem. Então, em português, ele é um personagem que você acha graça, enquanto que no original ele é extremamente sério, denso e significativo.

## NOTÍCIAS STELLA WILDEROM

### *AGÊNCIA USP DE INOVAÇÃO*

O M. Reitor, através de Portaria publicada em 31-10-2003, designou os Profs. Drs. Oswaldo Massambani, Francisco Romeu Landi, Guilherme Ary Plonsky, Jacques Marcovitch, José Antonio Franchini Ramires, Raul Machado Neto, Sérgio Muniz Oliva Filho, Vahan Agopyan, Vanderlei Salvador Bagnato e Wanderley Messias da Costa (Departamento de Geografia) para, sob a coordenação do primeiro, comporem Grupo de Trabalho com o objetivo de propor a implantação da "Agência USP de Inovação", a qual terá a missão de identificar, apoiar, implementar, comunicar, difundir e promover, nas áreas das ciências exatas, biológicas e das humanidades, a inovação científica e tecnológica da USP, intermediando parcerias estratégicas com os setores privado e governamental, para melhor contribuir para o desenvolvimento econômico e social do Estado de São Paulo e do país. O Grupo de Trabalho deverá apresentar o respectivo relatório no prazo de 60 dias.

### *CARGOS DE PROFESSOR DOUTOR NA FFLCH*

A Portaria GR-3.468, de 03-11-2003 distribui junto aos seguintes Departamentos da FFLCH 24 cargos de Professor Doutor.

Departamentos	Nº de Cargos
Ciência Política .....	01
Sociologia .....	01
Filosofia .....	02
História .....	06
Geografia .....	03
Letras Clássicas e Vernáculas .....	05
Letras Orientais .....	02
Linguística .....	03
Teoria Literária e Literatura Comparada .....	01
<b>Total: .....</b>	<b>24</b>

### *CHEFIA DO DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA*

O Conselho Departamental de Antropologia elegeu os Professores Doutores John Cowart Dawsey e Marta Rosa Amoroso, respectivamente, para Chefe e Suplente.

### *COMISSÃO DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA*

Foi eleita a Professora Doutora Eni de Mesquita Samara, para a Presidência, com mandato de 13.10.2003 a 12.10.2005; e, reconduzida para Vice-Presidência a Professora Doutora Arlete Orlando Cavaliere,

Perdeu-se a sutileza...

Totalmente, totalmente. Para se ter uma idéia, em vez de usar a palavra "camiseta", ele usou a palavra "camisola". Camisola, em português de Portugal é sim camiseta, mas o livro foi publicado no Brasil! Não é uma versão portuguesa, e na hora que você lê que o cara estava de camisola, já fica patético. Matou o personagem.

### **E analisando hoje o mercado editorial brasileiro, a senhora vê boas traduções?**

Eu vejo um cuidado muito grande das editoras na parte literária. Agora na parte mais técnica, creio que há um descuido. Nós estamos trabalhando com tradução culinária, que é uma área completamente renegada, pois todo mundo acha que qualquer um traduz receita. Eu tenho um aluno que disse para mim: "de todos os exercícios que você deu, o da receita foi o que mais sofri". Porque é uma coisa extremamente técnica, e ninguém se dá conta disso. Então, o que acontece no nosso mercado é que há muito livro de receita de Portugal, vendido aqui no Brasil, e que todo mundo compra por ser em português, mas acaba não compreendendo as receitas, por serem bastante diferentes. O nosso português e o de Portugal são extremamente diferentes nessa parte de culinária. Então você tem livros que são um "horror", pois há um descaso mesmo. Dependendo da editora, você percebe: "Medicina é uma coisa séria", então se procura bons tradutores, culinária, não.

### **O quê que caracteriza uma boa tradução?**

Vai depender da função. Uma boa tradução de um manual de máquina é aquela que o engenheiro ou o peão lêem e colocam a máquina para funcionar. Não é aquele negócio que você lê o manual e não consegue fazer a máquina funcionar...

Os famosos manuais de videocassete, video-games, etc... Exatamente. Teve uma época em que a IBM recolheu, não me lembro mais do que que era, todos os manuais e contratou um professor de língua para refazê-los, pois os técnicos não entendiam o manual. A IBM tinha que dar tanto suporte para a instalação que decidiram recolher e refazer os manuais.

Num texto literário, eu acredito que a boa tradução é aquela que consegue transmitir o que original queria transmitir. Mas como você sabe o que ele quer dizer? Você não sabe, você imagina, você cogita. Mas o texto literário mexe com os sentimentos, com a emoção, tem que expressar alguma coisa, e se ele consegue transmitir isso para você é porque foi bem traduzido.

Essa é uma queixa muito grande dos tradutores porque quando o livro é resenhado em português, ninguém fala do tradutor. "É, o fulano escreve muito bem!", esquecendo que quem escreveu foi o tradutor, pois o texto traduzido foi escrito pelo tradutor, que conseguiu reproduzir, provavelmente, aquilo que estava no original. Ao passo que, para falar mal, está todo mundo de plantão.

### **A senhora já se deparou com duas traduções, de um mesmo texto, muito diferentes ou até mesmo antagônicas?**

Bom, eu trabalhei na minha tese de doutorado com a tradução de um conto do Saul Bellow, que nunca publiquei. Há alguns anos, esse conto foi traduzido, e então eu fiz uma experiência com os meus alunos: eu dei as duas traduções, sem falar que uma era minha, e pedi para que eles analisassem, ver os prós e contras de cada tradução. Fui muito interessante porque eles acharam as traduções complementares. Eu, na minha tradução, fiz questão de trabalhar muito a linguagem coloquial, que é talvez uma das coisas mais difíceis, mais relegadas pelos tradutores, que muitas vezes têm mania de "melhorar" o texto. Já na outra tradução, havia soluções em outros aspectos, ignorando o tom coloquial que eu prezava. Mas informações antagônicas, não.

### **O exercício para o tradutor é a leitura?**

É, a leitura e a compreensão. Leitura, em termos de conhecimento, de bagagem cultural, muita leitura em português, porque é a língua de chegada. Ele tem que ser uma pessoa culta, a não ser que seja uma pessoa que se especializa só em manuais ou coisa semelhante. O tradutor deve ser um pesquisador. Eu conto uma história da tradução de um livro de imunologia, feita por uma ex-aluna, no qual apareceu uma expressão idiomática, que ninguém conhecia. E todo mundo achava que aquilo tinha uma conotação sexual, mas não tinha nada disso, pois a tradutora encontrou e escreveu para o autor e ele então esclareceu. Era uma expressão em "texano". Por isso não adiantou perguntar para qualquer nativo de outro estado dos EUA o quê aquilo queria dizer, porque eles não conheciam. O tradutor não pode ter vergonha de dizer "não sei", como muitos têm por achar que isso se torna um atestado de ignorância. E eu digo: "não, não é um atestado de ignorância, é um atestado de responsabilidade". Ignorância vai ser o erro que você vai cometer.

### **Os tradutores são bem pagos?**

A gente luta por uma remuneração decente, mas as ve-



zes a editora não associa o preço à qualidade. Há casos em que aparece um tradutor iniciante e diz: "eu traduzo por tanto", e a editora só vê o preço. Outra coisa que aconteceu comigo: uma editora me pediu uma tradutora e eu disse que poderia indicar uns alunos para fazer um teste. Eu tinha uma aluna excelente e foi ela a escolhida, mas não entraram em acordo sobre o preço -, eu não soube disso -, e a editora acabou dando o serviço para outra pessoa e me pediram para fazer a revisão do texto. Quando eu estava lendo o texto, fiquei pensando: "não é possível que ela tenha feito isso, não é possível". Daí eu perguntei à editora se foi a minha aluna que tinha traduzido, e eles responderam que não, porque não tinham conseguido acertar um preço. Daí eu falei: "olha, tudo bem, mas essa tradução está impossível, não dá para revisar, esse tradutor é uma pessoa de idade, é machista e é de origem portuguesa", quando eu disse isso, a outra pessoa falou: "mas ele já está no Brasil há vinte anos!". Mas se vai ser publicado no Brasil, tem que ser brasileiro o tradutor. Conclusão: eles tiveram que me pagar a mais, para eu praticamente refazer a tradução, para aí poderem publicar. O barato saiu caro. Eu acho importante isso, eu acho até bom que aconteçam essas coisas para a editora perceber que não vale a pena.

**E para finalizar nossa entrevista, o que um tradutor deve ter em mente tanto para iniciar seu trabalho de tradução como para seguir na carreira?**

Olha, para ser tradutor precisa ter: disciplina, pois ele tem que produzir aquele tanto por dia se ele quiser viver de tradução; vontade de pesquisar; um "desconfiômetro" muito grande, pois se eu não entendi alguma coisa preciso ver por que não entendi, e curiosidade, muita curiosidade.

## TRADUÇÃO

PROF. DR. FRANCIS HENRIK AUBERT  
RODOLFO VIANNA

**Professor, uma tradução mal feita pode prejudicar um bom texto?**

Uma tradução é um texto. Uma má tradução é, portanto, e por definição, um mau texto. Esta é a parte simples da questão. Determinar se uma tradução é boa ou má, porém, já é bem menos simples. Pode ser inadequado para alguns fins, e, no entanto, servir a outros propósitos. E, não custa lem-

com mandato de 27.10.2003 a 26.10.2005.

Os Conselhos Departamentais fizeram as seguintes indicações: Antropologia: Profs. Drs. Ana Cláudia Duarte Rocha Marques e Carlos Moreira Henriques Serrano, titular e suplente. Filosofia: Prof. Dr. Osvaldo Frota Pessoa Júnior, como membro suplente.

---

### COMISSÃO DE GRADUAÇÃO

O Prof. Dr. Vagner Gonçalves da Silva, foi indicado pelo Conselho Departamental para representar, *pro tempore* o Departamento de Antropologia.

---

### COMISSÃO DE PESQUISA

O Conselho Departamental de Antropologia indicou as Profas. Dras. Dominique Tilkin Gallois e Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer, respectivamente, titular e suplente.

---

### COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Os Conselhos Departamentais indicaram docentes para representá-los como titulares e suplente, respectivamente: Antropologia: Professoras Doutoras Beatriz Perrone-Moisés e Fernanda Áreas Peixoto Sociologia: Profs. Drs. Sérgio França Adorno de Abreu e Maria Helena Oliva Augusto Geografia: Professores Doutores Ana Fani Alessandri Carlos e Ailton Luchiani.

---

### CONSELHO DE BIBLIOTECA DA FFLCH

Para o biênio 2003/2004 os Conselhos Departamentais indicaram: Filosofia: Prof. Dr. José Carlos Estevão para representar o departamento junto ao Conselho. Antropologia: Profs. Drs. Heitor Frúgoli Jr. e Ana Cláudia Duarte Rocha Marques, respectivamente, titular e suplente.

---

### DIRETOR DA FFLCH-USP É HOMENAGEADO

O Diretor da Faculdade, Prof. Dr. Sedi Hirano, foi indicado pela Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, pelos méritos acadêmicos e inserção internacional de sua obra, para receber o título de "homenageado do Ano", do Fundo Bunka de Pesquisa, do Banco Sumitomo Mitsui.

---

### ELEIÇÃO PARA REPRESENTANTE DOS SERVIDORES NÃO-DOCENTES

Para o CTA foram eleitos como representante titular e suplente, respectivamente, Marlene Petros Angelides e Valdeni Faleiro. Para a Congregação, como representantes titulares, Valdeni Faleiro, Mariane Paulo de Souza e Marie Márcia Pedrosa.



brar, um original pode também não ser um texto de primeira linha; não é de todo excepcional que um texto traduzido seja, efetivamente, melhor do que o original do qual partiu.

**Por que traduzir necessita de uma grande técnica, um grande cuidado?**

Traduzir exige, sobretudo, um elevado grau de percepção. Não apenas uma percepção das questões lingüísticas envolvidas (o que pressupõe um bom domínio da língua de partida e um excelente domínio da língua de chegada), mas, igualmente, das dimensões textuais e culturais do texto original, das necessidades e das expectativas dos leitores da tradução. Necessita, ainda, de uma definição clara do objetivo específico da tradução (que pode não coincidir com o objetivo do texto original e/ou não visar o mesmo tipo de público). Necessita, por fim, de um conhecimento do rol das equivalências possíveis e da capacidade de escolher, entre as diversas alternativas que se oferecem, aquela mais adequada ao propósito da tradução que se pretende empreender. O tradutor tem de ter uma boa capacidade parafrástica (conhecer as diversas formas de dizer a “mesma’ coisa”).

**Como se dá a tradução de línguas não latinas, que não possuem uma gramática igual a do português? Perde-se muito no sentido, na expressividade? Como o bom tradutor resolve isso?**

As próprias línguas neolatinas não compartilham entre si uma mesma gramática. No entanto, é verdade que quanto maior a distância tipológica entre as línguas, maior a dificuldade intrínseca da operação tradutória. A expressividade, porém, não decorre da gramática (ou, mais propriamente, das estruturas lingüísticas), embora, em dada língua, a expressividade manifeste-se mediante determinados recursos dessa língua. A questão para o tradutor é, em primeiro lugar, identificar o recurso expressivo (tecnicamente, a função poética da linguagem manifesta no trecho em questão) e o efeito ou conjunto de efeitos que tal recurso expressivo produz nos leitores. Em um segundo momento, o tradutor buscará na língua de chegada um mesmo efeito ou conjunto de efeitos, ainda que tenha de recorrer a recursos lingüísticos distintos. Pode ocorrer, por razões decorrentes das estruturas lingüísticas discrepantes, que o tradutor não

logre produzir o efeito no mesmo trecho. Procurará, então, outros trechos mais propícios, em que o efeito possa ser reproduzido a contento. É o que denominamos o “mecanismo de compensação”.

**Qual seria a língua, na opinião do senhor, mais difícil para se traduzir para o português?**

Se o critério de dificuldade for a distância tipológica, certamente seria mais difícil traduzir do chinês ou do mongol do que do inglês ou do castelhano. No entanto, esse não é um bom critério, simplesmente porque recobre apenas parte da verdade, e, talvez, a parte menos importante. Um idioma estruturalmente muito próximo, como o castelhano, apresenta dificuldades por vezes insuspeitadas, tais como (a) a multiplicidade de falsos cognatos (palavras etimologicamente aparentadas, mas com sentidos discrepantes, como “*esquisito*” - único, excepcional, raro, com conotações positivas - contra “*esquisito*” - estranho, anormal, com conotações negativas); (b) a grande variedade dialetal do castelhano, com efeitos até mesmo sobre a terminologia técnica, comercial, jurídica, extremamente flutuante, sobre os idiomatismos consagrados, etc.; (c) a grande variedade de substratos e sobre-estratos culturais nos diversos países de fala castelhana (pense-se, por exemplo, na configuração cultural do México, de Cuba, do Peru e da Argentina); (d) a grande variação institucional de um país a outro (sistemas jurídicos, administrativos, escolares, etc.).

O que dificulta a tradução não é propriamente a diferença estrutural em si, e sim o conjunto das diferenças culturais, das visões de mundo e, ainda, a forma como estas diferenças culturais encontram guarida na estrutura da língua (em especial, mas não exclusivamente, no léxico, na morfologia e na semântica). O chinês, para ficarmos neste exemplo, não é difícil de se traduzir (exceto no caso da função poética da linguagem) primordialmente por ter uma estrutura muito diferente, mas por ser um idioma que veicula uma visão de mundo (uma cosmovisão) de baixa intersecção com a nossa. Basta pensar na diferença entre a visão de espacialidade que decorre do nosso conceito de pontos cardeais (Norte, Sul, Leste e Oeste), contra a visão chinesa, que inclui um quinto ponto, o zênite; a espacialidade, portanto, não é percebida lingüística e conceptualmente como bidimensional, e sim como tridimensional.

Pesará, ainda, na avaliação da maior ou menor dificuldade, o propósito da tradução. Caso se pretenda uma tradução estritamente denotativa, certas dificuldades sequer se colocam. Se por outro lado, houver o desejo de reproduzir os diversos efeitos de sentido, específicos da língua/cultura de

partida, haverá, inevitavelmente, dificuldades maiores. Considere, por exemplo, a seguinte frase em norueguês, e que ilustra tanto as questões estruturais quanto as culturais e suas mútuas imbricações: *Halvannet døgn i romjulen*. Denotativamente, a frase refere-se a “um período corrido de 36 horas, a qualquer tempo entre o Natal e o Ano Novo” e, para muitos fins, esta será uma tradução satisfatória, plenamente adequada. Tal tradução, porém, não resgata: (a) a peculiaridade do numeral *halvannet* – uma peculiaridade dupla (i) por constituir um numeral “quebrado” (1,5) e (ii) por compor-se, morfológicamente, pela aposição de “meio” ao ordinal “segundo” (ou seja, em uma interpretação semântica mais estrita, “um inteiro e mais metade do segundo inteiro”); (b) a especificidade de *døgn* (dia de 24 horas), que se opõe a *dag* (dia de 12 horas, complementar a *natt*, noite); (c) a percepção de que o período entre o Natal e o Ano Novo constitui um momento peculiar do calendário, a ser identificado com um designativo próprio (*romjul* = estritamente, o “espaço/intervalo natalino”).

#### Qual foi o livro que lhe deu mais trabalho para traduzir? Por quê?

Não traduzi uma quantidade tal de livros que possa legitimamente estabelecer uma hierarquia pessoal de “menos para mais trabalhoso”. Posso, no entanto, refletir sobre a questão da dificuldade e, nesta reflexão, percebo que o difícil pode estar em vários lugares.

Um desses lugares, evidentemente, é o próprio texto original, sua complexidade interna (temática, estilística, estética, terminológica, a incidência maior da função poética da linguagem), ou seu maior ou menor distanciamento da língua/cultura de chegada (distanciamento esse que pode ser espacial, mas, também, temporal).

Um outro lugar é o próprio tradutor, seu maior ou menor domínio lingüístico, familiaridade temática, empatia com o autor, a obra, a época, bem como sua maior ou menor percepção das condições de produção, e das motivações e necessidades dos destinatários da tradução.

Finalmente, o projeto da tradução em si pode envolver uma maior ou menor dificuldade, ou, talvez mais precisamente, pode situar a dificuldade em um ou em outro ponto. Adotar uma postura deliberadamente literalizante (ou seja, tornar o texto de chegada o mais próximo estruturalmente possível do texto de partida) – e ao contrário do que sugere a tradução “ao pé da letra”, simplesmente mal feita – pode demandar um trabalho de pesquisa, de reflexão, de reiterados ensaios e erros, bastante intenso e demorado. Nesta opção, um dos principais pontos trabalhosos será a recons-

---

#### FUVEST

A Portaria nº 1361, de 03.10.2003, indicou a Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara para, na qualidade de membro, integrar o Conselho Curador da Fundação Universitária para o Vestibular – FUVEST.

---

#### GRUPO DE TRABALHO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Buscando criar uma iniciativa na própria USP em relação à educação à distância, foi emitida uma Portaria em 15.09.2003 que designou o Prof. Dr. Leland Emerson McCleary do Departamento de Letras Modernas para o Grupo de Trabalho. Também compõe o grupo os Profs. Drs. Eduardo Massad, José Cipolla Neto, Marieta Lúcia Machado Nicolau, Nicolau Reinhard, Oscar Brito Augusto, Sérgio Muniz Oliva Filho, Sueli Mara Soares Pinto Ferreira e Wilson Vicente Ruggiero, todos trabalhando sobre a presidência do Prof. Dr. Alberto Barbosa Dantas.

---

#### PREFEITURA DO “CAMPUS” DA CAPITAL

O M. Reitor designou o Professor Doutor Wanderley Messias da Costa, para exercer “*pro tempore*” a função de Prefeito.

---

#### PROF. DR. ANTONIO CANDIDO HOMENAGEADO

O Centro de Integração Empresa-Escola e o Jornal “O Estado de São Paulo” outorgaram, no dia 17.10.2003, ao Professor Doutor Antonio Candido de Mello e Souza, o “Prêmio Professor Emérito do ano 2003 – Troféu Guerreiro da Educação”.

---

#### PROF. DR. FERNANDO HENRIQUE CARDOSO HOMENAGEADO

Em 30 de outubro de 2003 foi homenageado em Washington, D.C., no Departamento de Estado do Governo dos Estados Unidos da América, o Professor Doutor Fernando Henrique Cardoso recebeu o Prêmio *J. William Fullbright for International Understanding* 2003.

---

#### PROJETO ACADÊMICO E PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA FACULDADE

Foram indicados os seguintes membros para compor a Comissão encarregada de sistematizar os projetos acadêmicos e planos de desenvolvimento dos departamentos, com vistas à elaboração do projeto acadêmico e plano de desenvolvimento da Faculdade:

PROF.<sup>a</sup>. DR.<sup>a</sup>. ESMERALDA VAILATI NEGRÃO – Departamento de Lingüística;

PROF.<sup>a</sup>. DR.<sup>a</sup>. AMÁLIA INÊS GERAIGES DE LEMOS – Departamento de Geografia;

PROF. DR. PABLO RUBÉN MARICONDA – Departamento de Filosofia;

PROF. DR. LISIAS NOGUEIRA NEGRÃO – Departamento de Sociologia;

PROF. DR. GABRIEL COHN – Departamento de Ciência Política;

PROF. DR. JOHN COWART DAWSEY – Departamento de Antropologia;

PROF. DR. JORGE LUIS DA SILVA GRESPAN – Departamento de História;

trução de um paralelismo lingüístico, concomitante com os paralelismos funcionais, um pouco como que atribuindo ao todo a função poética que é mais específica de algumas partes. No caso de textos mais antigos, acrescenta-se uma dimensão filológica a esse trabalho, de não pouca monta. Na postura contrária, assimilativa ou, em uma variante mais extrema, "antropofágica", a dificuldade será a de compor um texto equivalente, com um valor literário também equivalente. A competência filológica será menos relevante; a capacidade recreativa, porém, será largamente exigida. A postura mais comumente adotada é provavelmente a intermediária, ou seja, aquela que procura um ponto de equilíbrio – mutável e incerto – entre a tradução literalizante e a declaradamente criativa. Adotar um ponto intermediário, porém, não torna a tarefa mais singela, antes ao contrário, pois, à dupla exigência filológica e criativa acresce-se a necessidade de avaliar, a cada trecho, e em função de um todo que se quer coerente e consistente, os momentos a recorrer à reconstrução literalizante e os momentos a optar pela re-criação.

#### **Como o senhor analisa as traduções brasileiras disponíveis no nosso mercado editorial?**

Generalizar uma avaliação qualitativa resulta, fatalmente, em cometer injustiças. No entanto, vou arriscar sugerindo que a média qualitativa das traduções é hoje mais elevada do que há 20 ou 30 anos. Sempre tivemos tradutores de primeira linha. Esses, porém, em qualquer geração, são, quase que por definição, minoria. A vantagem atual é que estamos completando 30 anos de existência dos primeiros cursos universitários de formação de tradutores, o que trouxe consigo uma progressiva especialização e profissionalização da área. Há menos espaço para o amador, a menos que seja o amador brilhante, animado, por assim dizer, pelo sopro das musas. Paralelamente, não apenas as editoras

estão mais exigentes com a qualidade da tradução: o público leitor também não aceita mais o diletantismo com a mesma tolerância de antes.

#### **O senhor acredita que uma boa tradução consiga fazer com que nada se perca da vitalidade do texto original, ou sempre há um prejuízo?**

Em toda tradução há perdas e ganhos. Mas as perdas e os ganhos não nascem da tradução, nascem da leitura e da interpretação do texto original. Em um primeiro momento, a tradução apenas explicita, exterioriza, materializa no papel (ou na tela, ou na cadeia sonora) a leitura e a interpretação específicas feita pelo tradutor, em dado momento, sob dadas circunstâncias. Quanto mais rica a leitura, maior, *a priori*, a possibilidade de recuperação do texto original. Em um segundo momento, o domínio que o tradutor tem da língua de chegada e das técnicas e recursos de re-criação também determinará a maior ou menor neutralização do risco de perdas e/ou sua compensação, quando inevitável, com os ganhos.

#### **Mesmo sem o perfeito domínio da língua estrangeira, vale mais a pena ler um texto no original?**

Vale a pena, não vale mais a pena. Vale a pena, como esforço de aprendizagem da língua estrangeira que se busca dominar. Mas, sem dispor desse domínio pleno – não perfeito, pois nem o autor do original pode ser tido como tendo um domínio "perfeito" do seu idioma de produção – a intermediação por uma tradução bem trabalhada pode ser mais enriquecedora. Usufruir plenamente a tradução exige, porém, que se conheça alguma coisa das intencionalidades que moveram o tradutor em sua obra. Para tanto, os prefácios de tradutor – infelizmente, pouco frequentes – podem constituir uma valiosa "chave" de leitura.

## HUMANITAS



### ***A presença de Castello***

Organizadoras:

EDILENE MATOS

MARIA NEUMA CAVALCANTE

TELE ANCONA LOPEZ

YÉDDA DIAS LIMA

ISBN 85-7506-0856  
Valor: R\$ 45,00  
1000 páginas

Em 26 de abril de 2001, a Universidade conferiu a José Aderaldo Castello o título de Professor Emérito. Logo depois, em outubro Castello completou 80 anos. Este livro reúne textos de seus amigos, entre eles: Antonio Candido, José Mindlin, Murillo Marx, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Alfredo Bosi, Antonio Dimas, Dino Preti, Flávio Aguiar, João Alexandre Barbosa, João Baptista Borges Pereira, Walnice Nogueira Galvão, na homenagem que dá a eles o prazer do reconhecimento público de uma presença ilustre na cultura de nosso país.



**PAÑCATANTRA:**  
**Fábulas Indianas - Livro I**

MARIA DA GRAÇA TESHEINER, MARIANNE ERPS  
FLEMING E MARIA VALÍRIA ADERSON DE MELLO  
VARGAS (TRADUTORAS)

R\$20,00  
ISBN 85-7506-014-7  
14 x 21 cm 252p.

As fábulas da coleção Pañcatantra ("Cinco Tratados"), compiladas por volta do século I d.C., são atribuídas a um brãmame, incumbido pelo rei de educar os jovens príncipes. As narrativas discutem as matérias principais dos manuais de ética e de política da Índia antiga, mas, ao mesmo tempo, demonstram que, na prática, prevalecem a esper-teza, a inteligência, a perspicácia. Este primeiro livro da coleção foi traduzido diretamente do texto integral sânscrito e é publicado pela primeira no Brasil.



**DISCURSOS DESCONCERTADOS:**  
**linchamentos, punições e direitos**  
**humanos**

HELENA SINGER

R\$25,00  
ISBN 85-7506-075-9  
14x21cm 388p.

Este trabalho ressalta as fissuras e as continuidades presentes nos discursos dos agentes do direito (delegados, advogados, promotores, procuradores, juízes) e dos analistas com acesso aos meios de comunicação (psicólogos, cientistas políticos, jornalistas, antropólogos, sociólogos) em relação aos linchamentos, prática punitiva específica em que supostos "bons cidadãos" agem com violência e crueldade contra supostos "criminosos". Constitui-se dos artigos sobre linchamentos publicados na imprensa nacional entre 1980 e 1996, de oito inquéritos policiais e processos penais relativos a casos de linchamentos ocorridos no estado de S. Paulo nos anos 80, e toda a produção acadêmica brasileira sobre o tema.

*PROF. DR. MOACYR AYRES NOVAES FILHO* – Presidente da Comissão de Pesquisa;

*PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> ENI DE MESQUITA SAMARA* – Vice-Diretora e Presidente da Comissão de Cultura e Extensão;

*PROF. DR. FRANCISCO CAPUANO SCARLATO* – Presidente da Comissão de Graduação;

*PROF. DR. SÉRGIO FRANÇA ADORNO DE ABREU* – Presidente da Comissão de Pós-Graduação; e,

*BRUNO NADAI* – Representante Discente no CTA

---

**VOTO DE LOUVOR**

O Senhor Presidente da Congregação Prof. Dr. Sedi Hirano solicita voto de louvor aos Profs. Drs. *ARIOVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA* e *ANNA MARIA GRAMMATICO CARMAGNANI* pelo trabalho desempenhado à frente da CPG.

---

**VOTO DE PESAR**

O Senhor Presidente da Congregação Prof. Dr. Sedi Hirano solicita voto de pesar pelo falecimentos: Sra. Ângela Calabrez Scarlato, mãe do Prof. Dr. Francisco Capuano Scarlato, ocorrido no último dia 10.10.03; Sr. Amin Gebara, pai da funcionária do Departamento de Antropologia, Sra. Soraya Gebara, ocorrido no último dia 14.10.03; Sr. Luis Belísio de Souza, pai do funcionário do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Sr. Jacó Luis de Souza, ocorrido no último dia 11.10.03; Sr. Onésio Gabriel Negrão, pai do Prof. Dr. Lisias Nogueira Negrão, Chefe do Departamento de Sociologia, ocorrido em 29.08.2003.

**ELEIÇÃO DE ISRAEL: um estudo**  
**histórico-comparativo sobre a doutrina**  
**do "povo eleito"**

ARIEL FINGUERMAN

R\$20,00  
85-7506-114-3  
14x21 174p



Os judeus se consideram realmente um povo eleito? A idéia religiosa de "eleição" pode ser encontrada em outras culturas? Por que esta doutrina levou a um conflito violento entre judeus e cristãos? Estas perguntas são respondidas neste livro através de uma extensa pesquisa histórica e comparativa entre religiões. A obra examina as possibilidades de superação deste conflito neste início de século XXI, uma nova época de diálogo entre o judaísmo e o cristianismo.



**NOTÍCIAS DE UMA UNIVERSIDADE: a greve estudantil da FFLCH/2002**

MARIA LIGIA COELHO PRADO (ORG.)

R\$15,00  
85-7506-115-1  
16x22cm 170

Este livro é resultado da organização de uma série de trabalhos de pesquisa, sobre o tema da universidade, elaborados por alunos de graduação do curso de História

Trata-se de uma proposta de interpretação do poema paródico da Iliada, atribuído ao próprio Homero, com um estudo do gênero herói-cômico e do fenômeno do riso na Grécia antiga. O original grego e uma tradução em versos completam o volume.

**BATRACOMIOMAQUIA  
a batalha dos ratos e das rãs**

HOMERO (ESTUDO E TRADUÇÃO FABRÍCIO POSSEBON)

R\$ 18,00  
ISBN 85-7506-085-6  
14 x 21 cm 168p



**LÉXICO NA LÍNGUA ORAL E NA ESCRITA - Projetos Paralelos Vol. 6**

DINO PRETI (ORG.)

ISBN 85-7506-117-8  
Formato 14x21cm 280p.  
R\$20,00

Este livro constitui uma coletânea de 12 ensaios sobre variados problemas do léxico, na língua falada e na escrita. Parte dos textos baseia-se no "corpus" gravado do Projeto da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP), outros abordam material de jornais, televisão, rádio, literatura. Os textos se ligam a linhas teóricas bem variadas, entre as quais a Análise da Conversação, Sociolingüística, Semiótica, Estilística. Como em outros livros da coleção, houve por parte dos autores uma manifesta intenção de produzir seus textos de forma didática, de maneira a torná-los acessíveis, não só a professores de Lingüística, mas também a alunos de pós-graduação e graduação e mesmo a outros interessados em estudar a língua oral e suas relações com a escrita. Fazem parte do livro artigos de Diana Luz Pessoa de Barros, Dino Preti, Hudinilson Urbano, Ieda Maria Alves, José Gaston Hilgert, Leonor Lopes Fávero, Luiz Antônio da Silva, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira Andrade, Marli Quadros Leite, Nilce Sant'anna Martins, Paulo de Tarso Galembeck e Zilda Gaspar Oliveira de Aquino.



**Como elaborar referência bibliográfica**

ANDRÉ FIGUEIREDO RODRIGUES

Preço R\$ 5,00

O objetivo do livro é auxiliar e fornecer aos alunos de graduação e pós-graduação orientações para elaboração de Referências Bibliográficas.

Em um trabalho acadêmico, as referências são de suma importância, pois com a crescente produção de informações, somada aos avanços científicos e tecnológicos, faz-se necessário estabelecer diretrizes e normas que possam garantir a identificação das publicações utilizadas.

**EM BUSCA DE ALTERNATIVAS  
PARA A ENTRADA DA CRIANÇA NA ESCRITA**

LÉLIA ERBOLATO MELO

Ao discutir questões sobre “a entrada da criança na escrita”, e não de aprendizagem da leitura e da escrita, a autora indica no seu livro algumas alternativas de trabalho com a ajuda que vai da psicologia, passando pela lingüística, psicolingüística, psicanálise, etnografia da comunicação.

R\$20,00  
85-7506-082-1  
14x21cm 178p.



## FESTA DO LIVRO

A Editora Humanitas FFLCH-USP participou da 5ª Festa do Livro da USP, juntamente com mais de 100 editoras que ofereceram seus livros diretamente ao público leitor com descontos especiais.

### ERRATA

Na matéria “Sistema Mundial: Oriente e Ocidente, a Questão da Hegemonia e Contra-Hegemonia” publicada no Informe nº 5, onde está escrito “hobbis’ lê-se “lobbis” (pág. 25).

### CARTAS

Além do novo lay out, o Informe traz agora uma seção de cartas para receber sugestões e críticas. Esperamos receber sua opinião!

Cartas: Rua do Lago, 717, sala 121

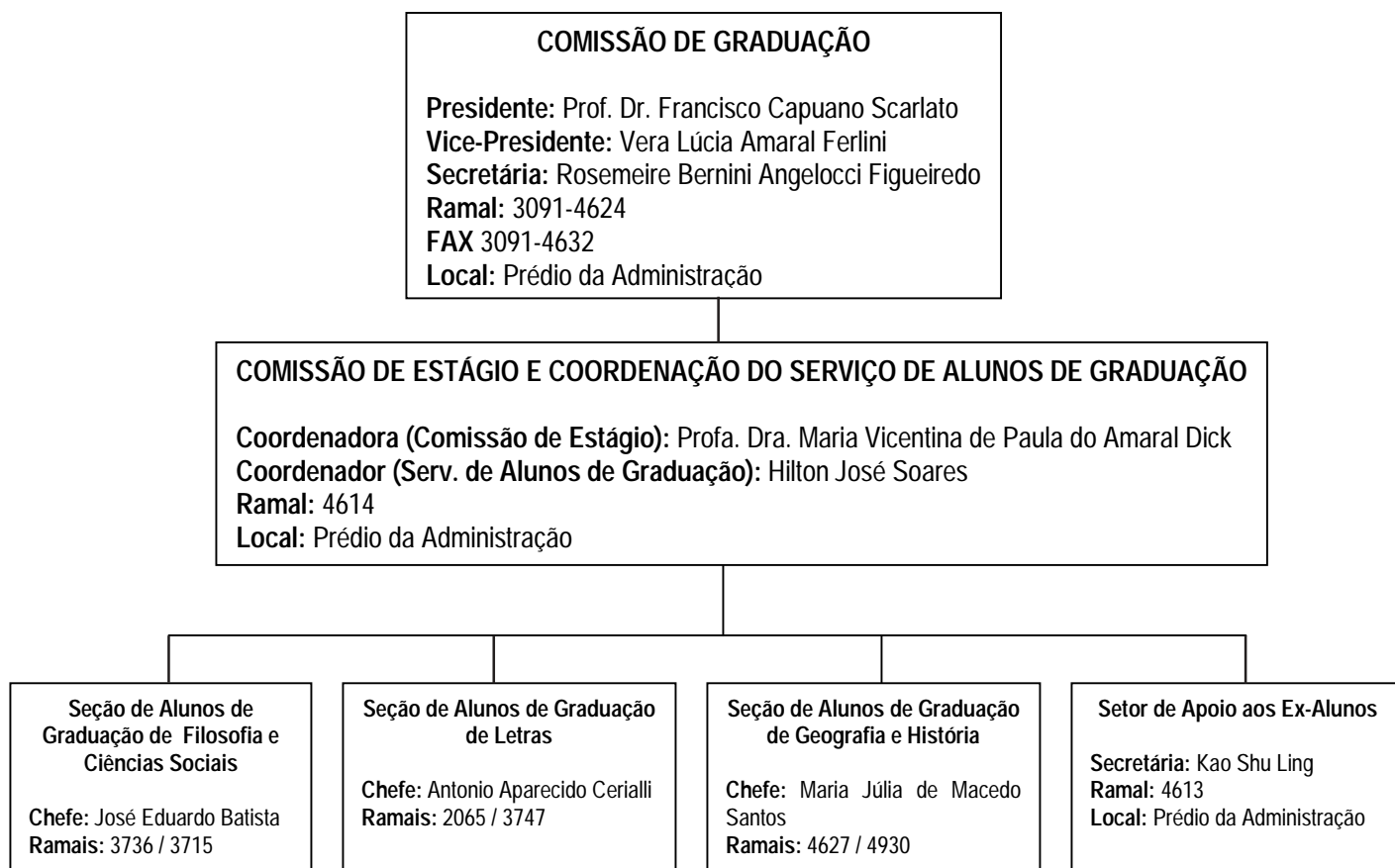
Cidade Universitária - São Paulo/SP - CEP: 05508-900

e-mail: [di@usp.br](mailto:di@usp.br)

Fax: 3091-4612

# COMUNICADO

Retificando o comunicado de 03.11.03, o novo organograma da Graduação:



São Paulo, 5 de novembro de 2003

**José Clóvis de Medeiros Lima**  
Assistente Acadêmico

---

## INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

N. 4 – julho/agosto/2003

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
SDI – SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO E INFORMAÇÃO  
PRÉDIO DA ADMINISTRAÇÃO – RUA DO LAGO, 717  
CIDADE UNIVERSITÁRIA – CEP 05508-900  
TELFAX: 3091-4612 – FONE: 3091-4938



---

*O Comitê Editorial do Informe encontra-se à disposição para o recebimento de material. Artigos devem, preferencialmente, conter 50 linhas de 70 toques e outras matérias (notícias, eventos etc) no máximo 10 linhas. Tel/ Fax (0XX11) 3091-4612 e e-mail: di@usp.br*